

Adole...ser!

Área Temática de Saúde

Resumo

A Universidade do Estado de Santa Catarina, através do Núcleo de Estudos da Sexualidade - NES, desenvolve na comunidade Nova Esperança, em Florianópolis/SC, desde 2002/2, o projeto “Adolescência e Vivências da Sexualidade”. A partir da constatação do elevado índice de adolescentes mães/pais e com gravidez planejada ou não, evidenciada durante a execução do projeto de extensão “Entrelaços do Saber: educação popular nas periferias”, o NES iniciou essa ação de intervenção educadora com um grupo de 18 adolescentes. Em consonância ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais, o objetivo principal deste projeto de extensão é promover reflexões e consciência crítica acerca da sexualidade em seus aspectos biológicos, afetivos, emocionais, sociais e culturais. Para garantir uma ação educadora significativa e obter sucesso na promoção do desenvolvimento multidimensional dos adolescentes, fez-se uso de uma metodologia participativa-constructivista não as considerando meras receptoras passivas. Essa ação extensionista demonstra que a Universidade, quando abre suas portas e estende seus braços à qualificação e formação do corpo discente no mundo real, explicita a responsabilidade social inerente à prática profissional. Palavras-chave: adolescência, sexualidade, cidadania.

Autor

Ingober Vargias de Souza, Bolsista de Extensão e aluno de Pedagogia.

Instituição

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; cidadania.

Introdução e objetivo

A Universidade do Estado de Santa Catarina, através do Núcleo de Estudos da Sexualidade - NES, desenvolve, desde o segundo semestre de 2002, o projeto “Adolescência e Vivências da Sexualidade” com a população jovem da comunidade Nova Esperança, em Florianópolis/SC.

Esse projeto originou-se a partir da constatação do elevado índice de adolescentes mães/pais e com gravidez planejada ou não, evidenciada durante a execução do projeto de extensão “Entrelaços do Saber: educação popular nas periferias”, que vem sendo desenvolvido com a comunidade em estudo desde 1998.

Para essa intervenção educadora, o projeto que ora se apresenta foi e continua sendo desencadeado com o objetivo principal de promover reflexões e consciência crítica acerca da sexualidade em seus aspectos biológicos, afetivos, emocionais, sociais e culturais. E em consonância ao Estatuto da Criança e do Adolescente e à Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais, ampliar a auto-compreensão de que não somos apenas sujeitos sociais; somos também sujeitos sexuais e por isso devemos ser capazes de:

Desenvolver uma relação consciente e negociada com a cultura sexual e de gênero, em vez de aceitá-la como natural;

Desenvolver uma relação consciente e negociada com valores familiares e de grupos de pares e amigos;

Explorar (ou não) a nossa sexualidade, independentemente da iniciativa da parceira;

Dizer não e ter esse direito respeitado;

Negociar práticas sexuais e de prazer, desde que consensuais e aceitáveis pela parceira;

Negociar sexo mais seguro e protegido, conhecer e ter acesso às condições materiais para fazer conscientes escolhas, reprodutivas e sexuais.

Este artigo é resultado das ações desenvolvidas entre agosto de 2003 e março de 2004, na vigência de minha bolsa de extensão e sob a coordenação da professora Denise Soares Miguel, do Departamento de Estudos Especializados em Educação/UEDESC.

É importante salientar que neste documento será utilizado o símbolo “a” em vez do artigo “o”, gramaticalmente correto para a caracterização de gênero. Esse símbolo foi escolhido propositalmente, pois não poderíamos nos furtar de identificar o viés político e cultural da nossa linguagem, que é sexista e que transforma o masculino no genérico, incluindo nele o feminino.

A comunidade

A comunidade Nova Esperança está localizada na intersecção dos bairros Monte Cristo e Capoeiras, em Florianópolis/SC. Compõe o “complexo Chico Mendes” formado por sete comunidades onde moram aproximadamente seis mil famílias.

Especificamente, a comunidade Nova Esperança agrega cerca de 160 famílias habitando barracos e casebres de madeira, além de algumas casas e prédios de alvenarias, as quais foram erguidas por agricultoras que se evadiram do campo para a cidade numa migração desenfreada ocorrida, principalmente, entre os anos 80 e 90. Pessoas que fugiram do desemprego resultante da mecanização e modernização dos métodos de plantios que expulsaram, de forma mais intensa, as pequenas agricultoras as quais, sem ter como sustentar a família, resolveram “tentar a sorte na cidade grande”. As famílias são compostas por mais de cinco pessoas e têm uma renda familiar de R\$ 300,00 a R\$ 400,00 (renda per capita R\$ 80,00 – salário mínimo base R\$ 240,00, em 2004). Desenvolvem a atividade de catadoras de papel e latas de alumínio e, quando empregadas, ou trabalham na construção civil ou na função de serviços gerais.

Classificada pelas forças militares como “ponto vermelho” (área de grande risco), essa população de periferia, ao mesmo tempo em que é constantemente ameaçada pelo universo do tráfico de drogas, sofre represálias das forças policiais que a consideram “perigosa” e sempre a qualificam como “suspeita”.

Desenha-se assim uma realidade responsável pelo desaparecimento das jovens dessa comunidade que são presas ou morrem vítimas da violência das gangues do narcotráfico, indiferentemente se fazem parte ou não dessas organizações. Aqueles que fogem a essa regra e chegam a completar 20 anos, geram famílias a partir de uma gravidez não planejada na adolescência. Sem as condições adequadas à autonomia familiar, continuam morando com os pais, dela ou dele, o que, pelo aumento do número de pessoas, responsabilidades e gastos, acaba prejudicando drasticamente a qualidade de vida de todos.

Adole...sendo

A adolescência é o período em que a sexualidade começa a se intensificar. As transformações que a adolescente sofre são visíveis e sentidas de forma muito especial por ela e pelas pessoas que a rodeiam. É durante o período da adolescência que a sexualidade se manifesta de forma mais clara e intensa e que se estabelece a ligação entre o sexo e a afetividade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente compreende a idade da adolescência entre doze e dezoito anos, enquanto que a Organização Mundial de Saúde compreende a “juventude” na faixa entre quinze e vinte e quatro anos. O biólogo Jean Piaget define a

adolescência entre os 11 e 15 anos, de acordo com o desenvolvimento intelectual que ele chamou de operatório-formal. Neste estágio, as estruturas cognitivas tornam-se qualitativamente “maduras”, e o indivíduo torna-se estruturalmente apto a aplicar operações lógicas a problemas hipotéticos. a adolescente torna-se capaz de raciocinar sobre a lógica de um argumento independente do seu conteúdo.

Entretanto, pode-se dizer também que a adolescência começa com a puberdade, que nas garotas acontece com o aparecimento da primeira menstruação e nos garotos esta transformação ocorre com a possibilidade da primeira ejaculação e com o aparecimento de pêlos axilares e pubianos. O que nos importa é que a adolescência não tem uma definição rígida para começar e terminar.

Para que possamos entender de modo mais completo o que vem a ser adolescência, devemos somar à puberdade as interferências sociais e históricas, e assim compreender a transição entre a infância e a idade adulta como sendo o conjunto de transformações na vivência do corpo e na consciência de si própria; das relações com os pais, companheiras, adultos e a sociedade em geral; na forma de encarar o futuro, desencadeadas pela maturação dos órgãos sexuais e pelo desenvolvimento físico e intelectual.

De acordo com Sue Pearson (2003), esse “adolescer” saudável depende de uma gama de variáveis individuais e sociais que podem ser identificadas como sendo:

INDIVIDUAIS

SOCIAIS

Habilidades de comunicação

Habilidades de comunicação dos outros

Experiências passadas

Cultura local

Confiança

Limitações legais

Conhecimento da linguagem necessária

Informação disponível

Auto-confiança

Confiança para ouvir

Habilidades de negociação

Habilidades de negociação

Ainda sob seu olhar, a complexa interação entre estes fatores promove o desenvolvimento do potencial da adolescente da seguinte forma:

A maioria das adolescentes vivencia essa trajetória de desenvolvimento lidando de maneira insatisfatória com as pressões sociais, que se intensificam nas classes populares, e se configuram em fonte de ansiedade, angústia, medo e sentimento de culpa. É nesse momento que a família, a escola, os amigos cumprem importantes papéis na educação em sexualidade das jovens.

Por educação em sexualidade entendemos um processo de intervenção que visa favorecer a reflexão sobre a sexualidade e a saúde reprodutiva, contemplando não só as informações sobre aspectos biológicos, mas também a discussão sobre sentimentos, valores, crenças, preconceitos, experiências pessoais, entre outros. Nesse diálogo sobre sexualidade é comum vir à tona o fascínio da curiosidade que caminha pela (des)construção do que é moral, imoral e amoral. Ao mesmo tempo em que causa exposição à fragilidade e ao constrangimento frente a tabus construídos por nós mesmo. Como fazer, então, para lidar com esses paradoxos?

Metodologia

O primeiro ano de atividade (2002/2 a 2003/1) identificou a necessidade de investir esforços numa metodologia de ação que garantisse, antes de tudo, a inserção e permanência das adolescentes da comunidade neste projeto, as quais, por “vergonha”, não assumiram o compromisso de “pertencer a um grupo”. Com encontros de formação semanais, o segundo ano do projeto (2003/2) iniciou com um grupo ainda com participação/frequência irregular e composto por dezoito adolescentes.

Para garantir uma ação educadora significativa e obter sucesso na promoção do desenvolvimento multidimensional (Morin, 2000) das adolescentes, optamos pelo uso de uma metodologia de linha participativa-construtivista. Esta linha metodológica parte do princípio de que o conhecimento é construído, e à medida que a pessoa é sujeito na construção do próprio conhecimento, torna-se mais capacitada para entender e interpretar a realidade e a fazer intervenções no mundo em que vive. A metodologia participativa possibilita uma atuação efetiva das jovens no processo educativo, não as considerando meras receptoras passivas.

Com o caminho a ser trilhado definido, precisávamos compreender os instrumentos de percurso para desencadear uma ação educadora voltada ao encontro que solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. E assim definimos nossos orientadores:

Planejamento de ação

Papel da educadora

1) Planejamento

Enquanto educadoras, consideramos o planejamento como um processo de reflexão que nos permite traçar nossas próprias ações e intenções no cotidiano da prática pedagógica. Ao planejar, as facilitadoras estruturam, organizam, selecionam, o foco dos conteúdos, escolhem caminhos e estratégias a serem utilizadas. Planejar, além de nortear as ações, explicita intenções, permite reorganizar, pois será por meio dele que a educadora poderá reorientar seu trabalho. O planejar permite a reflexão crítica da prática.

O ato de planejar envolve escolhas, que sempre são orientadas por princípios ou crenças. Por isso não é neutro, mas ideologicamente comprometido. No planejamento, a educadora deixa explícito, mesmo que inconscientemente, qual visão de homem e de mundo ela tem. O planejamento é então revelador de concepções que se explicitam na forma como a educadora desenvolve seu trabalho. O planejamento serve de fio condutor para a crítica da prática, para a reflexão permanente. Assim, é prática histórica e cultural. É práxis na medida em que objetiva mudar a realidade.

Para ser exequível, o plano deve considerar a realidade e o contexto onde está inserido. Infelizmente, no entanto, boas condições não garantem um bom plano de aula. Mas o planejamento pode ajudar a educadora a superar suas dificuldades. Criatividade, intuição e competência técnica são fatores que permeiam o plano e a ação pedagógica.

O importante no planejamento é a atitude, os princípios e as concepções que ele apresenta. O fundamental no ato de planejar é a educadora refletir sobre o para quem, para que, o quê, porquê ensinar/aprender tal ou qual conteúdo e como ensinar/aprender. As respostas que se dão a cada uma destas perguntas denunciam uma concepção de sujeito, de sociedade, de educação e sua função, uma concepção de conhecimento, de ensino, de aprendizagem e de processo pedagógico.

1.1) Para quem!

A primeira pergunta que deve ser respondida é: para quem eu irei planejar estas atividades? Como é, de onde vem, qual é a realidade deste sujeito, que saberes o sujeito já tem?

Ao planejar é preciso considerar a adolescente como um sujeito em formação, ativa, participativa, capaz e atuante em seu processo de construção do conhecimento, dotada de

saberes construídos a partir de vivências, interações e de experiências realizadas anteriormente na escola, na família, com as amigas.... Nessa visão, as educadoras podem planejar sua prática pedagógica, suas propostas de atividades voltadas a uma educanda que constrói seu próprio conhecimento com a nossa mediação e das demais adolescentes. Assim, ela não é uma figura passiva, espectadora e ouvinte de uma educadora que tudo sabe, em que quanto mais prazerosa for a troca realizada, mais eficiente será o desenvolvimento do processo educativo.

Conhecer qual é a situação sócio-cultural e as condições econômicas e emocionais em que vive este sujeito é fundamental, pois sabemos que estes fatores sociais influenciam o desenvolvimento do sujeito. Ao investigar a origem social da adolescente, a realidade da qual faz parte, como é o seu relacionamento familiar, poderemos compreendê-la detectando nesses fatores, possíveis origens de determinadas posturas da vida sexual.

Como sabemos, só temos interesse, só aprendemos aquilo que nos é significativo. Daí a importância do conhecer, valorizar e resgatar o que cada adolescente já sabe, seus saberes prévios, formulados a partir do seu cotidiano. Estes saberes espontâneos devem servir como ponto de partida para a construção de conhecimentos novos, tendo em vista que a aprendizagem é um processo de re-conexões onde o nosso papel como educadoras, com intencionalidade, através da mediação, procura relacionar os conhecimentos espontâneos com os conhecimentos mais elaborados, dando condições para que a adolescente re-signifique e reorganize estes saberes, ampliando desta forma, o seu universo conceitual.

1.2) Para quê!

O ato educador deve promover o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da realidade. Deve ser compreendido não como o abandono do conhecimento disciplinar, e sim o "ir além" para possibilitar outra postura. Ser aberto para o mundo e rigoroso com o conhecimento é não ignorar sua intuição, não sufocar outras linguagens de leitura do mundo (não ser unilateral), mas estar sempre pronto a investigar o "como" se percebe um fenômeno e se "abrir" ao novo.

Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Devemos nos preocupar com o que está sendo ensinado, para a vida e para a formação do sujeito solidário e cooperativo que idealizamos nesse projeto de extensão. É preciso ter em mente uma mudança de comportamento, pois a função da educadora não pode ser apenas a de organizar um bom programa de estímulos e respostas.

1.3) O quê!

Ao planejar "o que" ensinar, é necessário destacar o conteúdo que serve de base para a realização da intencionalidade do ensino. A partir disso, surgem os recortes: o que incluir e o que deixar de fora? Essa escolha requer uma observação da realidade vivenciada, da visão de mundo, de adolescente, de comunidade, de educação, de processo educativo, que temos e que queremos. Assim, é impossível separar "o que" ensinar do sujeito (quem).

Partindo da concepção de que o conhecimento é um processo que se constrói ao longo do tempo e por isso é histórico, cultural, dinâmico, faz-se necessário identificar que os recortes e a seleção de conteúdos feitos precisam estar sempre relacionados com as concepções de mundo, de homem, de sociedade, de conhecimento que temos e queremos alcançar.

Queremos, no entanto que estes conhecimentos promovidos sejam úteis, significativos, e que contribuam na formação de cidadãos capazes de transformar-se, transformar a realidade e entender que tudo o que foi construído pelo ser humano, por ele, pode ser reconstruído.

1.4) Por quê!

A partir do momento que se conhece as adolescentes e todas as implicações deste conhecimento, que se escolhe o tema, e feito o recorte (o que incluir e o que deixar de fora) do conteúdo, torna-se importante detalhar os objetivos, para determinar porque se está trabalhando da maneira escolhida e com o conteúdo selecionado.

Com a explicitação dos objetivos, igualmente se pode determinar a própria intencionalidade de nossa intervenção, servindo inclusive como instrumento de auto-controle (da atividade). Controle este que pode avaliar quais os valores éticos, morais, culturais e outros que permeiam o nosso trabalho.

Na relação educadora-adolescente é possível haver transformações a partir de mudanças. Essas mudanças são referentes a um planejamento flexível, que pode transformar-se de acordo com a dinâmica do encontro. É possível introduzir alterações significativas para uma reorganização de critérios que produzam o crescimento da consciência crítica. Para tanto, é necessário a clareza dos objetivos, ou seja, onde se quer chegar, com total respeito e responsabilidade para com as adolescentes, suas culturas, idéias e poder de argumentação das mesmas.

A dialética entre o fazer e o pensar sobre o fazer, não pode ser estanque: ora se pensa, ora se faz, ora se avalia. O movimento deve ser contínuo e processual para que alcance resultados transformadores. O detalhamento dos objetivos nos permite, através da reflexão permanente de nossa prática, identificar quais deles foram alcançados e quais não. Todo esse processo resulta num melhor aproveitamento para a adolescente e numa prática educadora mais compromissada.

1.5) Como!

Simplesmente “dar aula” é coisa fácil, pois é só “dar” alguma coisa. Entretanto o ato de ensinar é muito mais complexo e conseqüentemente fascinante. É ensinar a ver, a resolver, a interagir, o questionamento criativo que leva a adolescente a investigar, tirando-a do comodismo do querer pronto, influenciando na sua formação como ser pensante, crítico e cidadão.

Pensar nas estratégias e recursos de um planejamento pautado na visão de um sujeito agente, parte do cerne de reconhecer neste um ator pró-ativo, que age no e com o mundo, pensa, sabe coisas e é participante no processo ensino-aprendizagem.

Os recursos materiais devem ser compreendidos como os facilitadores do processo ensinar e aprender. Apresentando-se das mais diversas formas, desde uma simples camisinha ao sofisticado computador, o que descobre e revela a riqueza de um recurso didático é a estratégia utilizada na sua manipulação. A função dos recursos pedagógicos é ajudar a adolescente a pensar para encontrar suas próprias soluções, a sair de seu saber inicial para um outro mais elaborado, ampliado.

2) O papel da educadora

Um ponto importante para garantir a significação dessa intervenção está associado à postura da profissional que mediará os encontros de formação. O desempenho das mediadoras não se restringe ao plano intelectual/cognitivo, de provedor de informações e conhecimentos. Sua intervenção deve sensibilizar as participantes para a necessidade da mudança de valores e atitudes associados a sexualidade, à saúde reprodutiva, aos gêneros, e a vida como um todo.

Saber ouvir é uma das tarefas mais difíceis e necessárias dentro de uma proposta participativa, pois exige concentração, respeito, ausência de julgamento, aceitação de valores e conceitos de vida diferentes dos seus. Nessa proposta de intervenção, a função da educadora é a de coordenar as diferentes ações educativas e a de ser uma agente mediadora.

O ato de conhecer, a partir da seleção e organização de situações significativas, é incentivado e só acontece através do diálogo. “O diálogo é uma exigência existencial”, defende Paulo Freire. A atitude dialógica é, antes de tudo, uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar.

Transformar o diálogo em pergunta é mais uma estratégia provocativa que se soma ao processo de ensino-aprendizagem. A pergunta estimula a capacidade humana de assombrar-se, de correr o risco da invenção e reinvenção, estimula a capacidade de resolver os verdadeiros problemas essenciais e existenciais. Todo conhecimento começa pela pergunta, pois é somente a partir do questionamento que se vai em busca das respostas. É importante estimular as adolescentes a fazerem perguntas em torno da sua própria prática, fazendo elo entre pergunta-resposta-ações.

Enfim, como Garrido (2001) mesmo nos apresenta:

O papel mediador do professor assume diferentes aspectos. É coordenador e problematizador nos momentos de diálogo em que os alunos organizam e tentam justificar suas idéias. Aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhanças ou diferenças entre a cultura espontânea e informal do aluno, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro, favorecendo o processo de ressignificação e retificação conceitual. Explica os processos e procedimentos de construção do conhecimento em sala de aula, tornando menos misterioso e mais compreensível pelos alunos. Ao fazer os alunos pensarem, ao invés de pensar por eles, o professor está favorecendo a autonomia intelectual do aluno e preparando-o para atuar de forma competente, criativa, e crítica como cidadão e profissional.

Cronograma

Estando ciente do nosso papel enquanto educadoras e esclarecendo questões a respeito do pensar a prática educativa, não poderíamos fazer do calendário de atividades um elemento desconexo. Para respeitar os interesses dos grupos de adolescentes e garantir uma ação metodológica participativa-construtivista, convidamos os próprios adolescentes a montarem o cronograma.

Os pontos que acreditávamos serem importantes e necessários à transformação desejada formam apresentados ao grupo. Mas o grupo se mostrou pouco preparado, ou até mesmo desinteressado nessa construção. Tanto “desinteresse”, também demonstrado no primeiro ano de atividade, nos provocou a repensar a formação de grupo. Os adolescentes não compunham um coletivo, e para desencadear essa (re)construção nosso ponto de partida foi investir no fortalecimento da auto-estima, no empowerment e na aquisição de habilidades necessárias para garantir um relacionamento interpessoal saudável.

A auto-estima costuma ser definida como o sentimento de importância e valor que uma pessoa tem em relação a ela própria. Quem a possui confia em suas percepções e julgamentos, acredita que suas iniciativas vão dar certo e lida com os outros com facilidade. Já o conceito de empowerment, traduzido como potencialização ou fortalecimento, é compreendido como o processo de gerar a mudança, de desafiar as relações de poder existentes, de fornecer informações e idéias não só para mudar a consciência e a auto-imagem, mas também para encorajar à ação.

As atividades, que aconteciam nas instalações da Universidade, transferiram-se para a sede da comunidade com a intenção de estar inserida na realidade das adolescentes. Nos dois primeiros meses, desenvolvemos atividades artísticas e de expressão corporal. Aos poucos fomos inserindo propostas mais conflituosas e ao final do terceiro mês, o grupo estava “afinado”. O grupo se mostrava mais responsável e interessado com os encontros de formação.

Neste momento, a organização do cronograma de atividade aconteceu com a participação de todos. Sugerindo, alterando e organizando as datas, as atividades e os temas tinham significado e respeitavam as necessidades do grupo.

Resultados e discussão

A discussão, análise e reflexão dos temas contextualizados à realidade social e vinculadas aos interesses do grupo possibilitaram grandes transformações nas vivências e leituras de mundo e de sexualidade nestas adolescentes. Podemos fazer essa afirmação a partir da avaliação processual pela qual o projeto é submetido continuamente, mas principalmente pelas falas e comportamentos das adolescentes envolvidas.

Apontaremos, com muita satisfação, algumas considerações alcançadas por essa ação extensionista:

Disposição das adolescentes em reconhecer a igualdade de direitos entre homens e mulheres: a desconstrução da hierarquia de gênero promoveu ao grupo a compreensão das relações de gênero com igualdade de direitos, onde um não é subalterno ao outro.

Olhar para suas necessidades específicas, em termos de saúde e desenvolvimento, conectadas à análise crítica de seu processo de socialização: permitem-se discutir, analisar e refletir as diferenças biológica dos gêneros separadas dos tabus e preconceitos construídos e legitimados pela sociedade.

Sentem-se à vontade para expressar os próprios sentimentos, necessidades e opiniões, respeitando sempre o direito das outras pessoas: superaram as pressões de grupo e sentem-se à vontade para expressão emoções, dúvidas, medos e desejos acerca de seu corpos, dos outros e das relações entre eles.

No grupo, conseguem atender às próprias necessidades sem deixar de considerar as do outro e, ao final, chegam a um resultado favorável para todos: abandonaram a violência da imposição dos “mais velhos” e articulam negociações para as definições do grupo.

Acreditam no diálogo e na negociação em vez de violência para solucionar conflitos, e de fato recorrem ao seu uso nas relações interpessoais: não apresentam os mesmos comportamentos agressivos com seus colegas, conseguem conversar e tocar os outros.

Mostram respeito para com as pessoas de diferentes contextos e estilos de vida e questionam aquelas que não o fazem: assumiram a atitude ouvir antes de julgar, respeitam a diferença por que acreditam na diversidade.

Acreditam na importância e mostram habilidades de cuidar de seus próprios corpos e da própria saúde: todas explicitam o desejo da preservação da saúde e dos cuidados com o corpo, abandonaram o constrangimento para a manipulação dos preservativos e mostram-se bastante curiosas e bem à vontade para questionar e conversar sobre sexualidade.

As mudanças comportamentais nas adolescentes desse grupo são amplamente visíveis, por nós e por toda a comunidade. Mas o que evidencia o sucesso dessa ação extensionista é o grande interesse das outras adolescentes da comunidade em participar desse grupo. Em 2004, as atividades reiniciaram com um ganho de mais 15 adolescentes, totalizando um grupo em torno de 35 jovens interessadas e dispostas a conversar sobre “adolescência e vivências da sexualidade”!

Conclusões

A comunidade Nova Esperança vem sendo assistida pela UDESC desde 1998, com o projeto de extensão “Entrelaços do Saber: educação popular nas periferias” com inúmeras atividades que visam a desconstrução da subalternidade das classes populares. No decorrer dos anos e com a visibilidade dos resultados alcançados pelo projeto de extensão, o “Entrelaços do Saber” se configura, a partir de 2004 em programa de extensão no qual nosso projeto de extensão também está vinculado.

O desenvolvimento de projetos de extensão com comunidades carentes é uma das ações da Universidade de maior importância. Quando estes projetos fogem de uma ação assistencialista ou da necessidade do “objetos de estudo”, as transformações sociais são significativamente qualitativas.

Os resultados apresentados são mostras da importância e da necessidade urgente do desenvolvimento e implementação de, outros mais, projetos de extensão que promovam a verdadeira inserção social. É claro que as mudanças alcançadas com a comunidade Nova Esperança são frutos da soma de várias forças da sociedade acadêmica e são possibilitadas graças ao engajamento de profissionais ocupados com a melhoria da qualidade de vida dos grupos de menor visibilidade pública.

A universidade está cumprindo o seu papel quando abre suas portas e estende seus braços à qualificação e formação do corpo discente no mundo real, e explicita a responsabilidade social inerente a prática profissional. Mas precisa fazer muito mais. Ampliando e somando a prática da extensão ao currículo acadêmico, estreitando as relações entre comunidade e empresariado, discutindo e encaminhando junto às forças políticas a implementação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento social, a Universidade agrega poder e efetiva a possibilidade de mudar o quadro de exclusão social vigente.

Referências bibliográficas

FALCÃO, Emmanuel F.. Metodologia para mobilização coletiva e Individual. João Pessoa: Agente/Editora Universitária, 2003. 204 p.

FREIRE, Paulo & FAUNDEZ, Antônio. Por uma Pedagogia da Pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARRIDO, Elza. Sala de aula: espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor. In: CASTRO. Amélia Domingues e Carvalho, Anna Maria Pessoa de (org.). Ensinar a ensinar. Didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

PEREIRA, Maria Zuleide da Costa & CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero e Educação – Múltiplas Faces. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.